

A INDISCIPLINA E A AGRESSIVIDADE NA SALA DE AULA

Ana Cristina Rudy²
Ana Maria Cordeiro Vogt³
Maria Cecília Marins de Oliveira⁴

RESUMO: A pesquisa propôs-se a estudar as causas que originam os comportamentos indesejáveis, no meio escolar, que podem ser atribuídos a problemas de ordem familiar ou de mudanças na estrutura familiar, bem como de relações no ambiente da escola. O objetivo é o de compreender as diferentes formas que são percebidas a indisciplina e a agressividade, frente às relações professor-aluno e aluno-aluno, em sala de aula. A metodologia contou com a revisão de literatura, selecionando autores que fundamentaram a pesquisa, e o emprego do método qualitativo, com a aplicação das técnicas de observação e aplicação de questionários. A pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, da Região Metropolitana de Curitiba, na Cidade Industrial, com a participação de 16 dos 25 professores. O recorte realizado focalizou alunos de 8ª série e 1º ano do Ensino Médio, totalizando a participação de 41 alunos., constatando-se o descompasso entre o discurso dos participantes, notadamente alunos, e as ações em sala de aula. A análise do material sinalizou aspectos relacionados às causas de indisciplina e agressividade, no meio familiar, escolar e na sociedade em geral.

ABSTRACT: The proposal of this article was to study the causes that originate undesirable behaviors, at scholar field, which can be assigning by problems of family order or changes of its structure, such as of relationship at school environment. The aim is to comprehend the different ways that indiscipline and aggressiveness are perceived, forward the teacher-student and student-student relationship, in the classroom. The methodology used the literature review, selecting authors that substantiate the research, and the employment of qualitative method, with the application of observation techniques and questionnaire application. This research was conducted in Elementary and Middle School of metropolitan area of Curitiba, at Industrial City, with the participation of 16 from 25 teachers. The cut focused on students of 8th grade and 1th grade of Middle School, total participation of 41 students. The data obtained of this collection contributed the students' compartmental analysis, finding a mismatch between the participants' speech, particularly students, and the

² Pedagoga, pesquisadora, professora, integrante do Grupo de Pesquisa, "Políticas Públicas de Educação no Brasil: Cultura, Educação e Sociedade", do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Campos de Andrade, Uniandrade. Curitiba, Paraná.

³ Mestre em Engenharia da Produção pela UFSC/SC, pedagoga, pesquisadora, professora, integrante do Grupo de Pesquisa, "Políticas Públicas de Educação no Brasil: Cultura, Educação e Sociedade", do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Campos de Andrade, Uniandrade. Curitiba, Paraná.

⁴ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP/SP, pedagoga, pesquisadora e coordenadora do Grupo de Pesquisa, "Políticas Públicas de Educação no Brasil: Cultura, Educação e Sociedade". Professora dos Cursos de Pedagogia e Direito, do Centro Universitário Campos de Andrade, Uniandrade. Curitiba, Paraná.

actions in the classroom. The material analysis signaled aspects related to the causes of indiscipline and aggressiveness in the family, at scholar and society environment.

Palavras-chave: Indisciplina, violência escolar, comportamentos indesejáveis na escola, 'Bullying'.

Key-words: indiscipline; school violence; undesirable behaviors at school; bullying.

CÓDIGO DOI: 10.18835/1806-1771/jurídica.uniandrade.n20v1p195-228.

1. Introdução

Ao longo da história têm sido percebidas diferentes formas de indisciplina e agressividade que se revelam no meio social e, particularmente, no meio escolar. Esses comportamentos tornam-se preocupantes, principalmente, nas últimas décadas do Século XX, quando se verificam manifestações comportamentais, individuais ou coletivas, que atentam, inclusive, contra vida de pessoas. No ambiente escolar, tais comportamentos são preocupantes, tornando-se alvo de debates e discussões entre educadores, psicólogos, sociólogos e outros estudiosos, com o objetivo de investigar as causas e buscar meios que possam viabilizar soluções ou alternativas de propostas para contornar o problema.

O tema vem preocupando, notadamente, a escola, onde os comportamentos são atribuídos à falta de observância de regras de organização e convivência, que pressupõem condutas compatíveis com a urbanidade e a solidariedade entre professores e alunos e alunos entre si. A falta de uma relação harmoniosa, de respeito mútuo, vem sendo entendida como uma das causas de indisciplina e agressividade. Quando se fala em indisciplina e agressividade, na sala de aula, está se falando de alguma coisa perturbadora para a maioria dos professores. O problema é sério, pois se apresenta constante nas salas de aula.

A forma como a indisciplina e a agressividade revelam-se na escola varia de acordo com a idade dos alunos, o perfil do professor e o contexto onde se insere a escola. A avaliação da problemática requer cuidados especiais, no sentido de se rever à situação em sala de aula, buscando compreender o perfil da turma e investigar o perfil individual de cada aluno para entender o seu contexto familiar.

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

Paralelamente, a preocupação também se volta para a figura do professor e suas relações com os alunos, sendo esta relação importante para a manutenção da ordem e do incentivo aos estudos, pois, a indisciplina em aula acaba por gerar, não poucas vezes, a agressividade dentro e fora da escola.

Quando se reporta aos comportamentos, torna-se difícil estabelecer uma caracterização generalizada sobre situações que levam à indisciplina em sala de aula. Condutas inapropriadas, como falar sem ser solicitado, não realizar trabalhos e tarefas escolares, fazer barulho, andar pela sala, gritar, quebrar regras estabelecidas, podem configurar situações de indisciplina se assim forem consideradas, mas também agressões verbais e físicas fazem parte deste repertório que conduzem a maus comportamentos.

As realidades dos alunos, com diferentes cores e sabores, precisam ser consideradas, em todos os momentos e situações escolares, para não ser ponto de partida, mas, principalmente, objetivo de chegada das ações educativas. Assim, as salas de aula precisam abrir suas portas e janelas para os sentimentos e as histórias vida de seus alunos e professores, uma vez que o cotidiano escolar é o reflexo da realidade de vida que acontece fora de seus muros.

Desta maneira, a relação professor-aluno deve ser equilibrada e estável, pois quanto mais energia o professor e o aluno gastarem na resolução de conflitos menos energia terão para investir no ensino e na aprendizagem.

O Brasil está no topo da lista dos países que mais perdem tempo de aula por causa de 'bagunça'. Em um mesmo turno de aula, são gastos 18% de tempo que, contabilizado pode chegar a uma hora de aula, escreveu Verônica Branco, em sua coluna 'Vida e Cidadania', do Jornal Gazeta do Povo, em 25 de agosto de 2009. Por esta razão, torna-se necessário à escola investir nesta relação, no sentido de viabilizar um clima e um convívio diário que alie professor e aluno. O tema é, sem dúvida, preocupante, levando-se em conta sua amplitude.

Neste trabalho, procurou-se abordar alguns pontos que permitam esclarecer tais comportamentos, em adolescentes e jovens, tendo em vista a indisciplina retratar a falta de respeito a normas e valores sociais e, particularmente, às normas e aos valores presentes no ambiente escolar.

A metodologia contou com o emprego do método qualitativo que envolve a revisão de literatura e pesquisa de campo, com base na pesquisa exploratória de abordagem descritiva, como afirma Gil (1991, p. 16), a

Pesquisa Exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

O estudo não tem a pretensão de rotular situações específicas de origem familiar como causas de comportamentos indesejáveis. Pelo contrário, a perspectiva é a de procurar compreender e esclarecer os comportamentos resultantes das relações no ambiente escolar, uma vez que o processo de aprendizagem tem que estar fundamentado no diálogo. Afinal, a aprendizagem é uma via de mão dupla, na qual um orienta, ensina e outro absorve, aprende e constrói seu conhecimento.

O aprendizado é resultado da cooperação de professores e alunos, para o cumprimento de normas e ambiente harmônico na sala de aula, evitando o prejuízo de baixo rendimento escolar. O número cada vez maior de crianças, adolescentes e jovens envolvidos em atos agressivos que ocorrem dentro ou fora de escolas tem levado educadores, psicólogos e estudiosos a investigarem as causas dos comportamentos. Neste sentido, vem se questionando as estruturas, familiar e escolar, que permitem maior independência de adolescentes e jovens.

O incentivo à independência, retratada numa liberdade que, muitas vezes, foge ao controle de pais e professores, não estaria gerando comportamentos indesejáveis, indisciplinados, na escola e na sociedade em geral? Até que ponto a indisciplina ocorrida, no ambiente escolar, pode conduzir a atos de agressividade entre adolescentes e entre eles e pessoas adultas?

Estes foram questionamentos levantados com base na problemática da indisciplina. O estudo tem o objetivo de conhecer as causas que conduzem a comportamentos indesejados, identificados como indisciplina e agressividade que se revelam na família, na escola e na sociedade. A pesquisa de campo foi realizada em uma Escola Estadual, da Região Metropolitana de Curitiba, Paraná, situada em bairro da Cidade Industrial de Curitiba, CIC, que contou com o universo de 57 participantes, entre professores e alunos.

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

Para a pesquisa houve um recorte, centralizado nas turmas, de 8ª série da manhã, do Ensino Fundamental, com 29 alunos, e 1º ano do Ensino Médio, com 28 alunos, com as quais se desenvolveu a pesquisa não participante, através da técnica de observação. A técnica de aplicação de questionário contou com a participação 26 dos 29 alunos da 8ª série e 15 dos 28 alunos do 1º ano.

Os dados foram obtidos na observação em sala de aula e na coleta de dados por meio de questionário, que contém perguntas de múltipla escolha, abertas e fechadas. O preenchimento do questionário foi feito por docentes e discentes, num total de 16 dos 25 professores e 41 alunos. Trata-se de estudo comportamental sobre indisciplina e agressividade, este último, identificado por 'Bullying'. A presença desses comportamentos impede o desenvolvimento do trabalho pedagógico, uma vez que os professores sentem-se impotentes e inseguros diante deste quadro comportamental problemático.

2. Indisciplina: conceitos e concepções

Pensar a respeito da indisciplina implica em pensar os diferentes conceitos que abordam este tema tão controverso e ao mesmo tempo tão preocupante, considerando que a indisciplina na escola pode ser interpretada de diversas formas. É possível entender que disciplinável é o indivíduo que se submete ou se sujeita de modo passivo, ao conjunto de prescrições normativas, geralmente, estabelecidas por outras pessoas e relacionadas a necessidades externas ao indivíduo.

Carita (1997) assevera que a disciplina é a regra explícita de conduta, que constitui um quadro normativo claro e preciso um instrumento precioso na regulação da vida social e, notadamente, de uma turma no ambiente escolar.

Disciplinado é, portanto, aquele que obedece que cede, sem questionar às regras e aos preceitos vigentes, em determinada organização. Disciplinador é, nesta perspectiva, aquele que molda, modela, leva o indivíduo ou o conjunto de indivíduos à submissão, à obediência e à acomodação. Já o indisciplinado é “[...] o que se rebela, que não acata e não se submete, nem tampouco se acomoda, e agindo assim, provoca ruptura e questionamentos”. (Aquino, 1996, p. 85).

Segundo Aquino (1996, p. 85-86), em seu livro de alternativas teóricas e práticas da indisciplina, existem duas gêneses para a indisciplina. Uma social que diz: “a indisciplina não reside na figura do aluno, mas na rejeição operada por essa escola incapaz de administrar as novas formas de existência social concreta, personificadas nas transformações de perfil de sua clientela”. Ou seja, a escola que antes era conservadora e elitista se vê às voltas com alunos de níveis sociais mais baixos. Não conseguindo lidar com a diversidade deste universo de alunos, gera certa rebeldia entre aqueles que se consideram excluídos, tornando-se, eles, possíveis alunos indisciplinados.

A outra gênese é a psicológica, que argumenta que os alunos vão para escola com uma carência psíquica gerada por uma relação familiar desagregadora, incapaz de realizar a contento sua parcela, no trabalho educacional das crianças e dos adolescentes. A questão da indisciplina, do ponto de vista psicológico, pode estar relacionada com o desenvolvimento moral ou com a consciência das regras morais da criança, de adolescentes e jovens.

Para Garcia (2001, p. 376), “[...] devemos conceber a indisciplina como fenômeno de aprendizagem, superando sua conotação de anomalia, ou de problema comportamental a ser neutralizado através de mecanismos de controle”, sobrepunhando a idéia de que a indisciplina é uma questão relativa somente ao comportamento. Dessa maneira, o aluno indisciplinado não seria apenas aquele cujas ações rompem com as regras da instituição, mas também aquele que prejudica seu próprio desenvolvimento cognitivo, moral e atitudinal.

Um dos autores que apresentou uma produção de destaque no estudo do desenvolvimento moral e da consciência das regras foi Jean Piaget (1932; 1994, p. 23), no livro *O Juízo Moral da Criança* (1932/1994), em que afirma, “[...] toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras”.

Piaget elabora a teoria do desenvolvimento moral baseada nas tendências de desenvolvimento, em três categorias, a Anomia, que é o deixar fazer, é a ausência de regras, a Heteronímia, quando as regras são legitimadas a uma autoridade, que podem ser os pais, os professores ou Deus. Finalmente, a Autonomia, quando as regras ganham legitimidade conforme as ideias do próprio indivíduo.

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

As escolas atuam na formação moral dos alunos, embora nem todas trabalhem incentivando a autonomia, pelo contrário, grande parte tem contribuído para a perpetuação da heteronímia, do dever imposto externamente ao aluno.

Na literatura educacional brasileira, destacam-se as análises da indisciplina no contexto da Educação Básica, segundo uma pluralidade de abordagens teóricas, como Aquino, 1996; D'Antola, 1989, Freller, 2001; Godoy, 2006; Rebelo, 2002 e Vasconcelos, 2001, que sugerem um caráter de pesquisa exploratória para nortear os estudos sobre o tema. No Brasil, não parece existir, até o momento, um debate acadêmico articulado entre teóricos e instituições ao redor das questões da indisciplina escolar. A literatura destaca a importância deste tema no debate educacional contemporâneo e sugere que ele estaria entre as principais fontes de inquietação dos educadores no cotidiano escolar.

Alguns teóricos, como Amado (2001), D'Antola (1989) e Xavier (2002) têm afirmado que os problemas de indisciplina afetam a qualidade do processo de ensino-aprendizagem e o desdobramento do currículo, podendo transtornar as melhores visões e práticas educacionais. A indisciplina, portanto, representa um desafio não somente aos professores em sala de aula, mas ao trabalho e ao projeto educacional mais amplo desenvolvido nas escolas.

O livro, "Indisciplina na sala de aula", de Ana Carita e Graça Fernandes, discute a união entre teoria e prática, oferecendo pistas de reflexão e atuação aos professores, mediante os questionamentos: Como prevenir? Como remediar?

As discussões visam proporcionar informações com bases teóricas que permitem sustentar intervenções mais ajustadas em sala de aula, com vista a uma ação educativa mais eficaz e satisfatória.

3. A construção da autonomia: o ambiente escolar e a família

Jean Piaget (1932; 1977) traz em seus estudos a afirmativa do papel ativo do sujeito na construção dos valores e das normas de conduta. Há uma interação que se traduz em um caminho de ida-e-volta, em que o indivíduo atua sobre o meio e o meio sobre ele e não, simplesmente, a internalização pura desse ambiente. Na realidade, não é apenas um ou outro fator isolado, família, traços de personalidade,

escola, amigos e meios de comunicação, mas o conjunto deles que contribui no processo de construção de valores morais.

As pessoas ao relacionarem-se entre si necessitam de regras que possam garantir a harmonia do convívio social. Aliás, as regras só existem em função da convivência humana e da necessidade de regulá-las. Contudo, para Piaget, o importante não são as normas em si, mas sim, o porquê de serem seguidas, como se observa na conduta de duas pessoas frente a determinada situação: uma pode não furtar por medo de ser 'apanhada' e outra porque os objetos não lhe pertencem. Ambas não furtaram, mas apesar de ser o mesmo ato, possuíam motivações bem distintas. Desta forma, o valor moral da ação não está na mera obediência às regras, determinadas socialmente, mas, sim, no princípio inerente a cada ação.

Nas situações em que a criança mente, agride, furta, desrespeita, não compartilha algo, o adulto intervém para ensinar a importância de não cometer esses atos. A questão reside na maneira como este processo de 'ensinar' irá interferir nas razões pelas quais as normas são legitimadas.

Piaget mostra que a criança nasce na anomia, com a total ausência de regras. O bebê não sabe o que deve ou não ser feito, muito menos as regras da sociedade em que vive. Ao crescer, a criança começa a perceber a si mesma e aos outros, percebe também que há coisas que podem ou não ser feitas, ingressando, assim, no mundo da moral, das regras, tornando-se heterônoma, submetendo-se àquelas pessoas que detêm o poder.

Na heteronomia, a criança já sabe que há coisas certas e erradas e que as regras emanam dos adultos. Ela é governada pelos outros e considera certo obedecer às ordens das pessoas que tem autoridade, como os pais, o professor ou outro adulto que respeite. A criança pequena ainda não compreende o sentido das regras, mas obedece porque respeita a fonte de onde elas se originam dos pais e das pessoas que são significativas para ela.

Além do amor que a leva a querer obedecer às ordens, a criança teme a autoridade em si mesma, teme a perda do afeto, da proteção e da confiança das pessoas que a amam. Surge daí, o medo do castigo, da censura e de perder o cuidado. Nessa fase, o controle é essencialmente externo.

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

A aceitação de regras exteriores ao sujeito desvela um desenvolvimento moral bem sucedido, pois com o passar do tempo, esse controle vai se internalizando, por meio do autocontrole, gerando a obediência às normas independente de aprovação ou reprovação pelo olhar dos adultos ou de outras pessoas. É a moral autônoma que foi construída.

Todavia, é importante não confundir autonomia com individualismo ou liberdade de fazer tudo o que quer, pois na autonomia é preciso coordenar os diferentes fatores relevantes para decidir e agir da melhor maneira para todos os envolvidos, considerando diferenças, direitos e sentimentos próprios e dos outros. As regras passam a emergir de sentimentos internos que obrigam a criança a considerar os outros além de si, surgindo assim a reciprocidade, em razão da autorregulação desenvolvida pelo próprio indivíduo.

La Taille (2001, p. 16) ressalta que “[...] a pessoa é moralmente autônoma se, apesar das mudanças de contextos e da presença de pressões sociais ela permanece, na prática, fiel a seus valores e a seus princípios de ação. Assim, a pessoa heterônoma será aquela que muda de comportamento moral em diferentes contextos”. Por isso, na heteronomia, a obediência à regra não se mantém, pois depende de fatores externos, que vão constituir a regulação externa: em alguns ambientes a pessoa segue determinados valores, e, em outros, deixa de segui-los. Nesse caso, se a pessoa corre o risco de ser punida não age de determinada forma, mas se não corre este risco, ela age; trata com respeito algumas pessoas consideradas “iguais” ou “superiores a ela”, mas outras não. Assim, se a ação é movida por fatores externos, ela é motivada pelas circunstâncias, podendo desaparecer ou modificar-se quando se modificarem os fatores externos.

Diversos estudos tem confirmado que o desenvolvimento moral está relacionado à qualidade das relações que se apresentam nos ambientes sociais em que a criança interage, além do ambiente familiar.

Para aprender interagir é preciso que a criança tenha experiências de vida social para aprender a viver em grupo. Neste sentido, a escola é o local apropriado para essa vivência. Pesquisas de autores nacionais e estrangeiros, realizadas por Araújo, 1993; Bagat, 1986; Devries; Zan, 1998; Tognetta, 2003; Vinha, 2000/2003, ressaltam a forte influência das escolas na formação moral de crianças e jovens,

afirmando sobre a importância do ambiente cooperativo para o desenvolvimento da autonomia, enquanto o autoritarismo gera o desenvolvimento da heteronomia.

4. O professor e a família tradicional e moderna

Atualmente, muitos professores sentem-se impotentes e inseguros ao se depararem com problemas cada vez mais frequentes de indisciplina, de violência ou de conflitos⁵, tais como agressões físicas e verbais, furtos, insultos, desobediência às normas, bullying, entre outros. A forte presença dessas situações nas instituições educativas é comprovada por inúmeros estudos. (NAKAYMA, 1999; VASCONCELOS, 2005).

Devido ao estatuto de adulto e ao poder que detém, o professor é ainda a pessoa referência dos alunos, exercendo sobre eles uma influência marcante no desenvolvimento pessoal e social. Sai a importância das relações interpessoais, entre professor e aluno.

Em sala de aula, o professor exerce influência no desenvolvimento do aluno mediante seu poder de modelagem, influenciando o comportamento dos alunos através do seu próprio comportamento. Por isso, a modelagem deve torna-se um processo consciente. Assim, a postura do professor deve ser dotada do ponto de vista moral e intelectual, exigindo o desempenho do papel de educador mais virtuoso que de outras pessoas, mesmo em relação aos próprios pais com quem compartilham as tarefas educativas.

Para Bueb (2006) há dois modelos de professor para a proposta que defende: o oleiro (TÖPFER apud BUEB, 2006) que molda a argila macia para dar-lhe a forma desejada e o jardineiro (GÄRTNER apud BUEB, 2006) que cultiva, nutre a planta fertilizando-lhe o terreno e controlando-lhe as pragas.

O professor que adota a prática do oleiro, como fundamento de suas práticas escolares, deseja formar as crianças e os jovens colocados sob sua tutela. Ele interfere, limita, estimula, disciplina, cria ambientes para o exercício da liberdade

⁵ Os conflitos, tanto os que ocorrem no interior do sujeito (cognitivos e morais) como entre os indivíduos (interpessoais), possuem um lugar relevante na teoria de Piaget. Por meio dos conflitos é que o processo de equilíbrio ou autorregulação é desencadeado. Ao utilizar simplesmente o vocábulo "conflito", estamos referindo-nos às interações entre as pessoas em que há algum desequilíbrio, questão primária desse trabalho.

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

crescente dos alunos e os conduz para a liberdade responsável da vida adulta. (BUEB, 2006, p. 15-16).

A prática do jardineiro como inspiração para a prática docente impõe menos autoridade e menos condução. Esse professor ocupa-se em criar condições adequadas no ambiente escolar para o crescimento integral dos alunos sob sua guarda. Menos intervenção e mais confiança na autodisciplina e na autocompreensão das responsabilidades na liberdade conquistada, com o crescimento para a vida adulta. (BUEB, 2006).

Nas palavras de Bueb (2006, p. 16):

O oleiro e o jardineiro representam dois estilos legítimos de educar, que raramente aparecem em sua forma pura. Geralmente encontramos uma mistura, tendência maior ou menor a um destes pólos. Os dois estilos trazem perigos em si, o estilo do oleiro poder desenvolver-se em autoritarismo e o estilo do jardineiro em não-educação.

Segundo Tânia Zagury (2002, p. 18), quando há relacionamento afetivo, qualquer caso pode ser revertido em pouco tempo. O professor como intelectual não pode ficar no nível do senso comum da mera constatação dos fatos, precisa ir à raiz do problema, compreender suas múltiplas e complexas causas, a fim de tomar decisões. A articulação com outros segmentos possibilita a tomada de decisões e a sensibilizar os setores a envolverem-se na luta pela mudança de estruturas que geram problemas na sociedade e no sistema de ensino.

Em dias contemporâneos, começam a adquirir importância os problemas de disciplina e convivência nos centros educativos, especialmente, nas séries mais adiantadas do Ensino Fundamental. A problemática faz parte de um momento de crise que invade a sociedade e afeta as instituições tradicionais, como a família, a igreja e a escola. Uma das alternativas, para contornar o problema da indisciplina, pode estar na proposta curricular de desenvolvimento de atividades educativas, ao invés de medidas regulamentares punitivas. Como aponta Tiba (1996, p.179) um desrespeito aos pais pode ser relevado, aos professores já implica em advertência e às autoridades, implica em punição.

A indisciplina e a agressividade constituem-se em desafio para os docentes, representando um dos principais obstáculos ao trabalho pedagógico, pois demonstra a ausência de regras e limites por parte dos alunos.

Uma postura compartilhada entre professores, coordenadores e pais, em relação à indisciplina e à agressividade, torna-se necessária para se investir na prevenção. A escola deve funcionar através de espaços e tempos, geridos com critérios adequados, à participação e ao diálogo entre os alunos e destes com os professores, procurando contextualizar o problema, analisar suas causas e favorecer a mobilização de ações.

Sabendo quanto o seu modo de agir e de interagir é importante, torna-se necessário ao professor conhecer a si mesmo, como profissional, para de modo intencional, ter atenção à sua conduta e prever o reflexo dela nos alunos. (CARITA, p.25).

Gordon (apud Carita, 1979, p. 37), afirma que os alunos são, extraordinariamente, sensíveis às mensagens não verbais do professor. Eles aprendem a ler a tensão em redor dos lábios, as expressões faciais e os movimentos do corpo. Assim, a postura e atitude do professor, em sala de aula, ajudam a amenizar a indisciplina e agressividade, ficando atento ao que os alunos exprimem, incentivando quando algo os inibe e criando estratégias facilitadoras de comunicação entre todos.

Uma das primeiras atitudes é demonstrar o respeito que tem pelo outro. Saber ouvir é uma das estratégias importantes para incentivar a comunicação, pois faz parte das manifestações interpessoais e é fundamental para o professor compreender o ponto de vista dos alunos.

Carita (1997, p. 47) aponta a postura e o modo como o professor pode se movimentar para favorecer a comunicação, visando prevenir situações de indisciplina e agressividade.

A proximidade exprime-se fisicamente, circulando entre os alunos, indo até junto deles e por vezes, tocando-lhe. Essas atitudes facilitam a comunicação, a relação empática entre alunos e professores, a qual lhe permite que não se sintam ameaçados ou coagidos. Assim evitará que alunos se manifestem de forma agressiva e torna possível o companheirismo e a cooperação em sala de aula. Desta forma, não ferir o inter-relacionamento que se deve gerar numa sala de aula.

A qualidade da aula depende das relações entre alunos e professores, na qual se previne tensões e conflitos, promovendo autoestima e cortesia. Assim, o aluno, além de ser valorizado socialmente, beneficia a si mesmo e aos outros.

(COMBS; SLABBY, 1977, p.162 apud CARITA, 1997, p. 54). A eficácia da situação pedagógica decorre da aliança que estabelecem professor e alunos.

Contudo, algumas regras devem ser enunciadas no início do ano letivo, estabelecendo normas reguladoras para favorecer os procedimentos pedagógicos. Os chamados 'combinados'. Mas isto não significa que todas as regras podem e devam ser negociadas, pois existem muitas regras que não são negociáveis e devem ser esclarecidas desde o início do processo, como a existência de avaliação bimestral ou trimestral que não é negociável.

Por isso, sendo um acordo consensual é provável que nem todos os comportamentos venham a transformar-se em regras de condutas ou transformados em comportamentos indisciplinados resultantes de comportamentos rebeldes.

Desta forma, o professor, na instituição escolar, constitui o ponto referencial para os alunos, em termos de conduta, valores e princípios, a partir de um diálogo amigável, sem deixar de lado uma postura de respeito. Por sua vez, a família é o fundamento que estrutura a formação moral e a personalidade do aluno, tendo por base valores e princípios que vão orientar sua vida.

O termo "família" é derivado do latim "famulus", que significa "escravo doméstico". Este termo é criado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surge entre as tribos latinas, ao serem introduzidas a agricultura e a escravidão legalizada. No direito romano clássico a "família natural" cresce em importância, formando o agrupamento constituído pelos cônjuges e filhos, com base no vínculo de sangue. O regime patriarcal garante o domínio do pai sobre os membros da família, empregados e escravos.

No período medieval, a estrutura familiar sedimenta-se por vínculos matrimoniais, da qual fazem parte os descendentes diretos. Da família medieval à família moderna, ocorrem diversas mudanças. Na Idade Média, a criança desde o nascimento é entregue às amas de leite, sendo, assim, afastadas do convívio familiar que impede o surgimento da afetividade entre pais e filhos, embora não se possa afirmar a inexistência de sentimento entre eles. Afinal, destaca Ariés (1981; 231) "[...] a família era uma sociedade moral e social, mais do que sentimental".

O século XV, por sua vez, experimenta uma transformação na realidade e nos sentimentos da família. As crianças deixam de ser educadas com famílias

“educadoras” de ofício e passam a frequentar a escola. Paralelamente, percebe-se a preocupação dos pais em não afastar os filhos da família para vigiá-los de perto.

A partir do século XIX, a reorganização da casa, em cômodos, garante um espaço maior para a intimidade, permitindo o surgimento da família nuclear e os progressos de um sentimento de família. A criança é agora o centro das atenções e “[...] toda a energia do grupo é consumida na promoção das crianças, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças mais do que a família”. (ARIÉS, 1981, p. 271 apud MIRANDA, Sp).

Segundo Minuchin,

A família representa um grupo social primário que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. É um grupo de pessoas, ou um número de grupos domésticos ligados por descendência (demonstrada ou estipulada) a partir de um ancestral comum, matrimônio e adoção. Nesse sentido o termo confunde-se com clã. Dentro de uma família existe sempre algum grau de parentesco. Membros de uma família costumam compartilhar do mesmo sobrenome, herdado dos ascendentes diretos. A família é unida por múltiplos laços capazes de manter os membros moralmente, materialmente e reciprocamente durante uma vida e durante as gerações. (MINUCHIN, 2006, p. 25-69).

A família pode ser definida como um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos seus membros, como um sistema, que opera através de padrões transacionais. Assim, no interior da família, os indivíduos podem constituir subsistemas, que podem ser formados pela geração, sexo, interesse e/ou função, com diferentes níveis de poder, destacando-se a influência dos comportamentos de uns afetando o comportamento de outros. A família como unidade social, enfrenta uma série de tarefas, diferindo em nível de parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais. (MINUCHIN, 1990).

Através dos tempos, a família transforma-se ao acompanhar mudanças religiosas, econômicas e socioculturais, percorrendo um caminho entre o tradicionalismo e a família moderna.

Na família tradicional a educação das crianças inspirou-se na moralidade e no controle dos educadores, principalmente, com o surgimento da família nuclear, gerada nos padrões da cúria: o modelo conservador, símbolo da continuidade parental e patriarcal que marca a relação pai, mãe e criança. A preocupação da família provoca mudanças na educação da criança e os pais começam a encarregar-se da educação dos filhos.

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

O modelo da família nuclear tradicional comenta Mello (2000), marcado pela figura do pai, chefe de família, e pela mãe, educadora natural dos filhos e administradora da casa, é aclamado pelas pessoas e pela mídia, que o veicula como modelo ideal de família.

A imposição de normas e regras para educação dos filhos é imposta pela família, doutrinando a criança para uma nova sociedade que começa a imergir. A concepção do 'novo' indivíduo torna a criança alvo do controle familiar ou do grupo social em que está inserida. Assim, a família tradicional conta, além dos pais e avós, com o apoio da igreja, mas, também, da escola para educar os filhos.

O surgimento do 'novo homem moderno' possibilita aos adultos a compreensão de particularidades da infância e da importância da educação tanto moral como social e metódica das crianças, levando ao surgimento de instituições especiais, adaptadas às finalidades de formação. (ARIÉS, 1981, p. 193).

Em dias contemporâneos, a família em moldes tradicionais não mais sobrevive na sociedade moderna. A familiar nuclear mudou, surgindo diferentes formas de estrutura familiar, embora os conservadores pretendam resgatar aquele tipo de estrutura familiar.

A sociedade moderna, impondo novos compromissos de trabalho para o pai e para a mãe, acaba por influenciar a composição da família. Novos modelos vão constituir o padrão familiar, como o padrão "mono-parental", no qual um dos cônjuges, geralmente a mãe, assume o lar e os filhos. O padrão "homo-parental", quando a família é formada por casal homoafetivo, ou, ainda, o padrão tradicional da "família nuclear", formada pelos cônjuges, pai e mãe, e os filhos.

Com essas novas estruturas familiares, os pais subjugados pelo trabalho, pouco tempo dedicam aos filhos. A lacuna de afetividade e atenção procura ser compensada pela ampla liberdade dada aos filhos. Desta maneira, os pais se sentem menos culpados pela ausência na vida dos filhos, não acompanhando, inclusive, a vida escolar das crianças. Essa ausência, comumente, se reflete no ambiente escolar e, particularmente, na sala de aula, levando, não poucas vezes, a comportamentos indisciplinados e agressivos, com colegas e professores.

Apesar das mudanças observadas, nas concepções de família, ainda existem outros 'modelos' que coexistem, na sociedade contemporânea, que podem ser

explicados por fenômenos sociais, como: o aumento de casas formadas por pessoas que não são da mesma família; diminuição da quantidade de pessoas por família; crescimento dos divórcios; crescimento de casais sem filhos; “hierarquias” que anulam o padrão da típica família nuclear, quando a mulher é o “chefe” da casa.

Por outro lado, salienta-se a relação de abandono dos pais no tocante à formação dos filhos, como o acompanhamento escolar, a transmissão de valores e a atribuição de responsabilidades aos filhos. A má conduta dos filhos, no meio escolar, só vem ao conhecimento quando a escola entra em contato com os pais.

Segundo Zagury (2004), os pais devem compreender que mais importante que satisfazer os desejos das crianças é ensinar princípios éticos, tais como honestidade, solidariedade e respeito.

Além de atender as necessidades básicas essenciais a vida, cabe a nós pais, no plano social, transmitir a nossos filhos um certo grupo de valores, de idéias de comportamentos que lhe irá permitir no futuro a possibilidade da convivência em harmonia na sociedade. (ZAGURY, 2004, p. 37).

As mudanças sociais, entretanto, tem afetado cada vez mais a relação entre pais e filhos. O trabalho e outras atividades consomem o tempo dos pais que se sentem incapazes de educar os filhos, passando a atribuir este papel, exclusivamente, à escola.

Segundo Tiba (2002, p.180) “[...] percebo que as crianças têm dificuldade de estabelecer limites claros entre a família e a escola, principalmente quando os próprios pais delegam à escola a educação dos filhos [...]”. Observa-se que a maioria dos pais coloca a responsabilidade da educação nas mãos da escola, comenta o autor. Todavia, é importante ressaltar que a escola é passageira, para o indivíduo, mas, na fase infantil, o mais importante é a participação dos pais na vida educacional dos filhos. De acordo com Tiba (2002, p.181),

Para a escola, os alunos são apenas transeuntes psicopedagógicos. Passam por um período pedagógico e, com certeza, um dia vão embora. Mas, família não se escolhe e não há como mudar de sangue. As escolas mudam, mas os pais são eternos [...].

Porém, é neste núcleo familiar que as crianças, adolescentes e jovens adquirem os modelos de conduta que exteriorizam. A violência, alcoolismo, drogas,

separação dos casais, ausência de valores, permissividade, demissão do papel educativo dos pais, são as principais causas que deterioram o ambiente familiar.

Normalmente, os indivíduos que vivem esses problemas familiares são alvos de violência. Há famílias que participam diretamente na violência que ocorre na escola, pois impotentes para lidarem com a violência dos filhos acusam os professores de não saberem *domesticá-los*, instigando à agressividade e, não raras vezes, tornam-se violentos, agredindo professores e funcionários.

A lei garante a participação familiar no processo de ensino-aprendizagem dos filhos, embora, sejam poucas as famílias que se dispõem a participar. O dever da família com o processo de escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar é publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação.

Contudo, mesmo conhecendo os problemas e as peculiaridades das famílias e por consequência dos educandos, se não houver colaboração mútua em solucioná-los, o esforço para detectar problemas tornam-se nulos, impedindo que a escola e o professor possam intervir para o sucesso do educando. O interesse e a participação familiar são fundamentais, fazendo-se necessário a comunicação escola/família, para que aluno tenha um bom desempenho escolar.

2. Indisciplina no contexto familiar e escolar

Nos tempos atuais, família e escola parecem perder o poder e o espaço que tiveram outrora na formação do indivíduo. As crianças começam a entrar mais cedo na escola, fato que pode favorecê-las ou desfavorecê-las, dependendo do acompanhamento escolar e familiar.

Caso o jovem seja bem acompanhado, o ingresso na instituição pode ajudá-lo a se desenvolver melhor em todos os aspectos, sociais, cognitivos, motor, etc. Porém, se a família coloca-o na escola, mas não o acompanha, pode gerar no jovem o sentimento de descaso ou torná-lo autoritário e desobediente.

O comportamento dos pais é, altamente, prejudicial à criança, pois fora do ambiente familiar e escolar não encontrará as mesmas tolerâncias. A escola, por sua vez, também procura subterfúgios para 'escapar' da culpa pelos possíveis fracassos

escolares dos alunos. Entre as desculpas está a de culpar os pais pela falta de tempo no convívio com os filhos, fato que acaba gerando alunos com problemas de aprendizagem, relacionamento, entre outros aspectos.

Cabe a sociedade, não só aos setores ligados à educação, através de pequenas ações no cotidiano da escola e da família, para que esta compreenda a importância dos objetivos traçados pela escola. A renovação de conteúdos, a renovação de métodos, as relações entre professores e alunos, as obrigações e a disciplina devem concorrer para melhorar as condições de convivência no ambiente escolar. Com a inovação dos métodos, os conteúdos não podem se tornar inconsistentes, pois, devem proporcionar uma aprendizagem proveitosa e agradável.

A escola, enquanto instituição, já traz embutido o conceito de ordem, a necessidade de disciplina, utilizando-se de certas punições a fim de manter a ordem já estabelecida e tornar o aluno obediente e passivo como forma de dominação. Nesse sentido, a escola acaba reduzindo a indisciplina e a agressividade do aluno.

Partimos do princípio de que nenhuma criança nasce agressiva, ela torna-se de acordo com o meio, pois limite e disciplina transita no caminho do afeto e da liberdade, e isso se reflete nos locais onde ela se insere. Segundo Içami Tiba (1996, p. 173), "[...] o maior estímulo para ter disciplina é o desejo de atingir um objetivo".

Em termos operativos e sociais, o comportamento de qualquer cidadão deve estar baseado pelo menos em cinco princípios: gratidão, disciplina, religiosidade, cidadania e ética. Estes valores devem estar presentes nos processos educativos familiares e escolares.

O desenvolvimento da indisciplina corresponde ao surgimento de um controle interno, uma obediência às regras que não depende mais exclusivamente do controle dos pais ou de outras pessoas. Isso implica a assimilação racional das regras, o que faz surgir a reciprocidade, o respeito mútuo que vem a ser a capacidade de respeitar o outro e por ele ser respeitado.

5. A indisciplina e a agressividade

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e

expectativas que variam ao longo da história, entre diferentes culturas e numa mesma sociedade, nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e, até mesmo, dentro de uma mesma camada social ou organismo.

Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. A convicção de que os estudantes estão se tornando, indisciplinados e mal-educados, vem se instalando na sociedade, em especial nas escolas, onde os jovens evidenciam comportamentos que interrompem o clima dentro e fora da sala de aula, quando não protagonizam agressividades, sejam verbais, físicas, furtos ou sejam destruição de mobiliário, depredações, pichações entre outras vandalizes.

Esses problemas são multicausais e a raiz não está somente no ambiente social e nas mudanças socioeconômicas, mas como afirma Içami Tiba (1996, p.79) “A educação escapou ao controle da família porque, desde pequena a criança já recebe influências da escola, dos amigos, da televisão e da Internet”.

O excesso de repressão social, exigências do professor em classe, quebra de regras na escola, intolerância entre outros, podem provocar uma natural onda de revolta, principalmente, naqueles que não sejam passivamente dóceis e queiram saudavelmente participar das atividades.

Outro aspecto a ser considerado é o excesso de liberdade que gera o descumprimento de regras na escola, pois quando os alunos ficam entregues aos próprios critérios de convivência os mais agressivos não respeitam o professor e nem poupam os próprios colegas. Assim, a ausência de limites também não educa.

Pais desinteressados no aprendizado dos filhos querem a aprovação, independente de terem aprendido ou não. São esses pais que terceirizam a educação dos filhos para a Escola, por terem eles perdido as referências educativas.

As drogas constituem outro ponto importante por ser um grave problema social, familiar e escolar. Nos últimos anos, o uso de drogas vem se intensificando, sejam elas lícitas ou ilícitas. Além de serem nocivas à saúde, elas prejudicam o desempenho escolar e relacional dos alunos, fugindo ao controle de pais e escola. Com o uso de drogas, o jovem fica dominado por seus instintos, inadequados à frequência às aulas, à realização de provas, ao respeito aos mestres e aos colegas.

Os problemas no ambiente escolar tem se diversificado de tal forma que ações mais assemelhadas à indisciplina de alunos tem sido confundidas com casos de agressividade, comuns nas ruas das grandes cidades. Entretanto, nem todas as escolas se tornaram violentas, pois, na maioria das vezes, os episódios ocorridos nas escolas são práticas cotidianas observadas na sala de aula.

De acordo com Spósito (2001), a agressividade no meio escolar manifesta-se com várias faces, no dia-a-dia, e, algumas ações, embora vislumbradas como agressivas ou violentas, são mecanismos da indisciplina e da transgressão às regras e às normas institucionais frequentes no ambiente escolar. Em dias modernos, tais comportamentos chegam a atemorizar professores, pais e pessoas ligadas à educação, por não saberem lidar com a indisciplina e a agressividade dos alunos.

Os problemas de disciplina, que podem ser chamados “de convivência”, nas escolas, são reflexos de uma crise de valores que está se produzindo na sociedade, em geral, e na escola, como subconjunto institucional, criado por esta sociedade. Em um mundo cada vez mais globalizado, a informação chega diariamente aos lares, mostrando uma infinidade de cenários de violência.

Ao mesmo tempo, a família como instituição esta demonstrando fortes mudanças com a incorporação da mulher ao trabalho e, cada vez mais freqüente, a separações dos casais, transformando-se em mono parentais. No próprio lar, muitas crianças aprendem sobre a violência e os maus tratos, a falta de respeito com os mais velhos. Na rua, a aprendizagem do darwinismo social, a assunção de determinismos e contra-valores para sobrevivência e estima no bairro e no grupo.

A criança chega à escola, com uma bagagem de vivências, que a instituição pretende ignorar. Os valores trazidos pela criança de uma aprendizagem do ambiente de onde provem sofrem o impacto de uma ordem hierárquica e de normas de comportamentos com base no princípio da autoridade.

A escola contemporânea, pública ou particular, não é a mesma de décadas anteriores. Boa parte dos alunos já interioriza a necessidade de realizar os estudos para obterem, posteriormente, boas colocações no mercado de trabalho, tendo em vista a exigência de qualificação para o desempenho de determinadas funções.

A escola não pode, por si só, modificar as causas que originam os problemas de indisciplina e agressividade, mas pode fazer o possível para amenizar esse

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

quadro, contribuindo para um ambiente amigável, dialogado, pacifista, democrático e um currículo integrado, baseado em interesses e vivências.

De acordo com Içami Tiba (1996, p. 165), o aluno que não respeita os outros precisa ser educado ou ser tratado. Isto nos leva a considerar que os problemas “de convivência” irão aparecer sempre, porém o importante não é só evitá-los, mas manejá-los de maneira educativa. Assim, em uma análise das características de indisciplina e agressividade mais frequentes entre os estudantes, aparecem às seguintes:

O emocional é uma fatia dos problemas que gera a violência, provindo de uma falta de controle das emoções. O aumento do individualismo e do egocentrismo leva alguns alunos a fazer tentativas para a aula girar, em torno de seus interesses e ideias. O desinteresse da escola, as atitudes individualistas e a falta de cooperação provocam o desapego do aluno pela escola, na qual convive parte do tempo.

Contudo, condutas agressivas, também fazem parte desse repertório, levando a aprendizagem da violência como única forma de solução dos conflitos que frequentemente é potencializado pela incompetência emocional.

A ausência de limites, que são apreendidos na família e, depois, na escola, geram interrupções inoportunas, confusões, conflitos em sala de aula que perturbam o ambiente interno e externo, adequado à aprendizagem.

A desvalorização, desqualificação do professor, desconhecimento da situação escolar e dos conhecimentos escolares contribui para a ocorrência de comportamentos indisciplinados e agressivos.

A atenção dispersa, dividida, voltada para as brigas e bagunças, na sala de aula ou fora dela, contribuem para acentuar comportamentos indisciplinados e agressivos, que impedem o cumprimento de tarefas escolares fora do horário regulamentar para auxiliar na fixação e ampliação de conteúdos programáticos.

A agressividade ou violência identifica-se com criminalidade e/ou agressão física, manifestação que está ocorrendo em todas as sociedades. Assim, entendida a agressividade como ato de violência, pode significar ato de violentar.

Não é fácil definir o que se entende por agressividade ou violência, porém recorrendo-se às autoras Lucinda (1999), Nascimento (1999) e Candau (1999, p.19), que se referem ao dicionário do pensamento marxista (1988, p. 1291),

Por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária (...). A intervenção física, na qual a violência consiste tem por finalidade destruir, ofender e coagir (...). A violência pode ser direta ou indireta. É direta quando atinge de imediato o corpo de quem sofre. É indireta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra (...) ou através da destruição, da danificação ou da subtração dos recursos materiais. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou do grupo que é o alvo da ação violenta.

A caracterização da violência ultrapassa o limite da agressão física, admitindo, também, uma violência de caráter psicológico e moral, ao passo que na violência física, a ênfase recai exatamente no aspecto relacionado ao dano físico, ao uso da força no sentido de prejuízo físico.

Neste sentido, a marca constituída da violência seria a tendência à destruição do outro, ao desrespeito e à negação do outro, podendo a ação situar-se no plano físico, psicológico ou ético. O Núcleo de Estudos e Pesquisas Simbolismo-Infância-Desenvolvimento, NEPSID, traz em seu 'site' o assunto, abordado por Adriana Friedmann (2009), que assim se manifesta:

A violência é um fenômeno complexo que não pode ser reduzido ao crime e à violência institucional. Refere-se a uma conduta de abuso e poder, muitas vezes invisível e/ou encoberta, que envolve situações de força e tensão, assimetria e desigualdade social, danosas para a constituição do indivíduo e da sociedade. Violência na primeira infância diz respeito, tanto à manifestação física como a situações de humilhação, exclusão, ameaças, desrespeito, indiferença, omissão para com o outro.

Podemos afirmar que a violência, que invade as escolas manifesta-se de diversas maneiras, entre elas na forma de *bullying*, ou como alguns pesquisadores preferem denominar, violência moral. (NOGUEIRA, 2005).

A reflexão sobre violência e/ou agressividade entre pessoas é de grande importância, neste estudo, pois é um fenômeno que acontece em diversos ambientes da sociedade e, em particular, na instituição escolar. Embora a agressividade seja um tema com extensiva abrangência social, destacou-se o ambiente escolar que é alvo de análise, reflexão e interpretação das escolhas e respostas de alunos e professores.

A violência não é um comportamento social recente. Através da História da Humanidade vários acontecimentos são palco da violência sem que sejam marcados

somente pelos conflitos de guerra, mas sim, pela violência entre pessoas, geradas, em diversas ocasiões por motivos fúteis, desprovidos de qualquer propósito justificável.

Segundo Fante (2005, p.168), educadora especializada no tema,

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, socioeducacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.

Ao pesquisar sobre a agressividade dos jovens, em relação a algum tipo de ameaça ou agressão, está se procurando associar a comportamentos que ocorrem em sala de aula e estejam acoplados à indisciplina. Neste trabalho, a preocupação está centrada nos comportamentos que estão afetando o âmbito escolar, seja ele público ou particular.

Ao realizar a análise constata-se a frequência que tais comportamentos aparecem nos levantamentos, verificando-se, inclusive, que esses comportamentos acontecem em grupos de pessoas. Por alguma razão, as pessoas mantem alguma ligação, por serem estudantes da mesma escola ou por fazerem parte de uma 'tribo' ou, ainda, serem parentes entre si pertencentes à mesma família. A este tipo de agressão, denominou-se "*bullying*", por serem comportamentos que acontecem com certa frequência.

No próximo tópico será discorrido sobre a violência na escola que, atualmente, é sem dúvida, a situação mais apontada nos relatos de professores, alunos e pais.

6. O *bullying* na violência escolar

A palavra *bullying*, em inglês, é uma derivação de *bully*, que significa valentão. Mesmo sem tradução exata, essa palavra vem sendo usada por professores para descrever atos de violência física ou psicológica contra outra pessoa que, por algum motivo, está sempre em desvantagem em relação ao ofensor

seja por razões hierárquicas, estatura física, ou seja por condição social, econômica ou, mesmo, numérica.

Assim, um grupo de alunos se diverte criando embaraços a um determinado colega, realçando algum defeito ou uma característica física ou provocando linchamentos. O fato é que, sem motivo aparente, uma pessoa causa dor e humilhação a outra. Muito mais que brincadeira sem graça, o fenômeno vem ocorrendo com frequência nas escolas das redes pública e privada.

Por ser um fenômeno muito evidente em escolas, muitos associam a prática a um contexto exclusivamente escolar. Entretanto, já existe quem se ocupe do tema como epidemia psicossocial que pode ter consequências graves, já que vai além dos simples apelidos às humilhações racistas ou difamatórias.

Para melhor se entender, *bullying* é um termo da língua inglesa, sem correspondente no português, utilizado para designar as práticas de agressão tanto física quanto moral ou psicológica entre estudantes. Ampliando um pouco mais este conceito, Fante (2005, p. 28-29) nos esclarece que:

Por definição universal, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*.

Nesse fenômeno, comenta Fante (2005), as vítimas geralmente constituem-se no tipo “bode expiatório”, ou seja, são indivíduos pouco sociáveis, com pouco status ou habilidades para reagir ou fazer cessar os ataques. Apresentam, geralmente, aspecto físico mais frágil que o de seus companheiros e, por isso, medo em reagir contra seus agressores; extrema sensibilidade, timidez, passividade e submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspecto depressivo.

Portanto, é uma agressividade crônica, destrutiva, normalmente aceita pelos circundantes como brincadeira, mesma que seja de mau gosto. Esta agressividade acaba com a autoestima da vítima, através da intimidação, do aterrorizar e

atormentar, colocando apelidos, cutucando ou mesmo ofendendo com palavras e atos, incluindo destruir os pertences, como material escolar, roupas e outros objetos.

A vítima se sente perseguida, humilhada e acaba se isolando como se o problema fosse ele. Fica mais quieto, seu rendimento escolar e relacional cai, perde interesse em sair de casa, muito menos ir ao local onde acontece o “*bullying*”. A vítima é uma pessoa que já pode estar sofrendo de algum complexo de inferioridade por ser diferente, ter nariz grande, baixa ou alta estatura, problemas de cor de pele, espinhas e outros sinais.

Quando os colegas reforçam seus problemas, a vítima volta-se contra si mesma e contra o mundo que o cerca. O sofrimento pode provocar uma reação violenta, atingindo colegas e a própria pessoa, como depressão, ansiedade, estresse, dores, perda de autoestima, problemas de relacionamento, abuso de drogas e álcool, que aparecem como consequências do fenômeno.

As saídas para o problema não são simples e giram em torno de possibilidades que sempre levam em conta as causas, os modos por meio dos quais se manifesta o *bullying*. Cada escola precisa traçar estratégias específicas, onde se inclui um diagnóstico da ocorrência do fenômeno, diálogo entre autores e vítimas e quanto mais imediata a intervenção, melhor para todos.

7. A pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi desenvolvida em uma Escola Estadual do Município de Curitiba, localizada em Bairro da Cidade Industrial de Curitiba, CIC, contando o universo da pesquisa com a participação de 57 pessoas, professores e alunos.

A observação e a coleta de dados foram realizadas, em uma turma de 8ª série, do turno da manhã, que continuará os estudos no Ensino médio, e, outra, do 1º ano noturno do Ensino Médio. O questionário foi entregue aos professores, à direção e aos alunos, cujos dados aliados aos dados descritivos da observação não-participante, possibilitaram a análise e a discussão dos resultados.

A pesquisa recorreu aos métodos, quantitativo e qualitativo, o primeiro dando ênfase aos dados visíveis e concretos, e, o segundo, aprofundando naquilo que não é aparente, “[...] no mundo dos significados, das ações e relações humanas” (MINAYO, 1998), em abordagens que se completam e se complementam. Afinal, os

fenômenos humanos e sociais nem sempre são quantificáveis, pois como coloca Minayo (1998), trata-se de um “[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

O estudo procurou desvelar o universo de significados, enunciados por Minayo, iniciando o processo de observação pela estrutura física da Escola, com o objetivo de conhecer os espaços e as condições oferecidas aos alunos, trazendo alguns apontamentos.

A escola conta com amplas salas de aula, ambientes destinados à administração e à coordenação pedagógica, biblioteca com variedade regular de livros, laboratório de ciências pouco equipado, laboratório de informática utilizado pela direção e pelos professores, pois os alunos danificam os aparelhos.

A técnica de observação, no 1º ano do Ensino Médio, noturno, com alunos entre 15 a 20 anos de idade, permitiu constatar atitudes pouco respeitadas dos alunos, durante a aula de Biologia: alguns alunos de braços cruzados observando o professor, outros mascando chicletes, outros andando na sala, outros, ainda, saindo da sala sem pedir licença. Não se observou nenhum episódio de agressividade, mas, sim, de indisciplina.

Durante a aula de Física o comportamento dos alunos foi deplorável em relação ao professor. Alguns alunos pedem explicação da matéria que ele se prontifica a atender, enquanto outros conversam, escutam música de um celular, outro aluno corre entre as carteiras, enquanto outro empurra uma cadeira como se fosse carrinho, fazendo barulho. O professor permanece impassível, explicando para aqueles que querem aprender a matéria do dia.

Na turma de 8ª série, turno da manhã, com alunos entre 15 e 21 anos de idade, constatou-se os seguintes comportamentos: no início da aula a turma parecia tranquila, a professora de Artes encaminhou a tarefa e, nesse meio tempo, dois alunos trocaram socos e palavrões entre si. A partir desse episódio, que a professora procurou acalmar os ânimos, outros alunos começaram a se manifestar. Um percorria as carteiras dos colegas para ver as respostas dos colegas e os demais, à medida que terminavam a tarefa ligavam o mp3, em volume alto, para

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

todos ouvirem, alguns dançavam entre as carteiras, outros atendiam o celular, falando em voz alta, interrompendo a aula. A professora permanecia tranquila, solicitando calma aos alunos.

A professora comentou que dois alunos eram alvo de 'bullying' e os agressores eram um grupo de alunos indisciplinados.

Observou-se, afinal, uma realidade pouco condizente com padrões de ordem e harmonia. A realidade é de conflitos e sentimentos controversos presente nas relações interpessoais, tanto entre alunos como entre alunos e professores.

Nos questionários, foram selecionados alguns itens mais representativos. Os dados levantados foram os seguintes:

8ª série do Ensino Fundamental

Idade dos alunos	Realizar tarefas em casa	Afinidade com professores
26 - 63% - 15 anos	23 - 57% - sim	5 - 12% - com todos
13 - 32% - 15 a 18 anos	16 - 39% - algumas vezes	10 - 24% - nenhum
2 - 5% - 18 a 21 anos	1 - 2% - não	26 - 64% - com alguns
Sexo	1 - 2% - raramente	
Meninas = 23		
Meninos = 18		
Esclarecer dúvidas com o professor	Bagunça em sala	'Bullying' na sala de aula
33 - 80% - sim, com a Turma	10 - 24% - apoiam o professor	27 - 66% - não apoiam
4 - 10% - sim	4 - 10% - compartilha a bagunça	14 - 34% - sim, sofrem 'bullying'
2 - 5% - não	27 - 66% - observa o professor	
2 - 5% - outro momento		

FONTE: Questionário aplicado na turma da 8ª série do Ensino Fundamental.

As desigualdades econômicas e sociais que, crescentemente, vem ocorrendo, geram fenômenos preocupantes de exclusão social. A crise de valores e o conflito de gerações, são fatores que podem explicar o aumento gradativo da violência escolar, desequilíbrio que afeta tanto a vida social como a vida escolar.

A respeito de comportamentos Fante (2005) preconiza:

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, socioeducacionais e pelas

expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.

Assim a violência e agressividade, formas hostis de tratar um ser humano, passou a ser comum na vida das pessoas, manifestando-se nas escolas, às vezes de maneira velada, sendo preocupação da sociedade moderna. Tanto assim que os dados levantados, no pequeno universo escolar, foram preocupantes, quanto aos comportamentos observados e às respostas nos questionários.

Quanto às respostas sobre 'Bullying', pode-se notar que a maioria não sofre bullying na sala de aula, mas 34% responderam que sim, o que corresponde, praticamente, à terça parte do universo de 41 alunos. Esse dado não é somente preocupante, mas alarmante. Conforme pesquisas, pelo IBGE, Brasília foi apontada como a capital do 'bullying'. Segundo o estudo, 35,6% dos estudantes entrevistados disseram ser vítimas constantes da agressão. Belo Horizonte, em segundo lugar com 35,3%, e Curitiba, em terceiro lugar com 35,2 %. Essas capitais foram, junto com Brasília, as com maior frequência de estudantes que declararam ter sofrido 'bullying' alguma vez.⁶

Professores que responderam o questionário

Idade	Sexo	Formação	Tempo docência	Comportam/alunos
4 – 25% - até 30	12 – 75% - fem.	3 – 19% - graduado	25% - até 10 anos	6 – 38% - bom
2 – 13% - 30 a 39	4 – 25% - masc.	13 – 81% - pós-graduado	75% - mais de 10 anos	7 – 43% - regular
4 – 25% - 40 a 49				3 – 19% - ruim
6 – 37% - 50 a 60				
Comportamento agressivo aluno	Indisciplina em aula	Ausência limites sociais/gerando conflitos	Tempo perdido p/ início aula (min.)	'Bullying' em sala de aula
13 – 81% - sim	14 – 87% - Interrompem aula p/resolver conflitos	14 – 87% - sim	7 – 43% - 5m 6 – 38% - 5 a 10 2 – 13% - 10 a 15 1 – 6% - 15 a 20	14 – 87% - sim 2 – 13% - não
3 – 19% - não	2 – 13% - Chamam atenção	2 – 13% - não		

FONTE: Questionário aplicado aos professores do Ensino Básico.

⁶Pesquisa realizada pelo IBGE.

Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/06/pesquisa-do-ibge-aponta-brasilia-como-campea-de-bullying.html>

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

No item sobre indisciplina em sala de aula, observa-se que 87% dos professores interrompe a aula para resolver o conflito. Conforme Aquino (1996, p. 40) comenta,

A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático-pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas.

Em relação à prática do Bullying em sala de aula, observa-se que, também, 87% dos professores assinalam que sim, além dos outros itens, relativos a comportamentos, respondidos, afirmativamente, pela maioria dos professores. Essas respostas demonstram claramente a falta de disciplina em sala de aula, considerando que a pesquisa somente se ocupou com duas turmas, uma pela manhã e outra a noite. Todavia, não se descarta a probabilidade de que tais comportamentos ocorram em outras turmas.

No questionário de respostas abertas, 14 dos 16 professores responderam que procuram resolver os conflitos em sala de aula, conversando com os alunos, falando da importância dos valores, realizando atividades sobre ética, valores e princípios. Dois professores afirmaram que encaminham os indisciplinados para a Coordenação Pedagógica.

Dentre as causas de indisciplina e agressividade dos alunos na escola foram apontadas, pelos professores: a falta de limites impostas aos jovens, falta de valores em casa, desestruturação social e familiar, problemas de aprendizagem, falta de objetivos gerando o desinteresse pelas aulas, além da hipótese de que os jovens queiram chamar a atenção por não saberem lidar com novas situações.

Apesar dos 16 professores apontarem a falta de limites impostas aos alunos, todos procuram manter uma relação com os alunos através do diálogo.

8. Considerações finais

O presente trabalho procurou conhecer as causas que possam conduzir a comportamentos indesejados, identificados como indisciplina e agressividade, seja no meio familiar, seja no meio escolar ou na sociedade em geral, a fim de analisar as variáveis que contribuem para ocorrência de comportamentos de indisciplina e agressividade (Bullying).

Devido a complexidade do tema buscou-se abrir um espaço de reflexão sobre questões de indisciplina e agressividade. Em relação à indisciplina, sabe-se que ela faz parte do ambiente escolar e, dessa maneira, os alunos rompem com as regras estabelecidas, prejudicando o seu desenvolvimento cognitivo, moral e atitudinal.

Na construção da autonomia do aluno vale lembrar que o jovem vive na heteronomia, pois já sabe que há coisas certas e erradas e é governado pelos mais velhos, pais, professores ou outra pessoa adulta. Os jovens tendem a se tornar desobedientes, por estarem atravessando uma fase de transformações, na qual sofrem as influências de outros fatores, como amizades, tribos e valores. Assim, quanto mais o ambiente for cooperativo, maior será o desenvolvimento da autonomia e suas atitudes de valores corresponderão às expectativas dos professores.

Na relação professor/aluno devem os professores ser mais que oleiros e jardineiros, pois são eles protagonistas no processo de construção da humanidade, em uma tarefa que envolve educar e conviver.

O educar e o conviver dizem respeito à proposta de convivência interpessoal, baseada não no controle, na obediência e na submissão, mas na autonomia, na compreensão e no respeito. As ações dos professores devem ser marcadas pelo relacionamento através do diálogo, evitando comportamentos de indisciplina e agressividade em sala de aula.

Segundo Freire (2004), "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". A educação problematizadora é a prática de liberdade que exige de seus personagens uma nova concepção de comportamento, pois ambos são educadores e educandos, aprendendo e ensinando em conjunto.

Entretanto, vale destacar que é um desafio diário para os docentes intervir para não ocorrer atos de indisciplina e agressividade, que são um obstáculo na prática pedagógica em sala de aula, onde se perde tempo resolvendo conflitos, em torno 5 a 10 minutos, conforme a coleta de dados.

As causas da indisciplina e da agressividade são variadas e pressupõem que, nas escolas, surjam problemas de convivência, diariamente, por inúmeros motivos.

Na indisciplina observou-se entre os estudantes a falta de controle emocional, tentativas de fazer a aula girar em torno de seus interesses e ideias, ausência de

A indisciplina e a agressividade na sala de aula

limites, desvalorização do professor, atenção dispersa voltada às brigas, às agressões verbais e ao 'bullying', em sala de aula.

A causa da problemática da indisciplina não pode ser somente atribuída ao contexto escolar. Outros aspectos de origem familiar também concorrem para esses comportamentos, pois, muitas vezes, o ambiente familiar encontra-se abalado pelas mudanças na estrutura da família. Assim, a família acaba terceirizando a educação dos filhos à escola, que acaba refletindo em comportamentos inadequados e no baixo rendimento escolar. A comunicação e o estreito relacionamento entre pais e escola tendem a melhorar o comportamento dos jovens no meio escolar.

Nos comportamentos indisciplinados e agressivos chamou-se a atenção para o 'bullying', retratada como uma violência escolar. Faz-se mister considerar que a violência é consequência de diversas causas que, nem sempre são oriundas do momento vivido, mas, podem estar ligadas a fatores históricos, culturais e sociais. As relações interagem no contexto, no qual o indivíduo se encontra, e são desencadeadas na interação sujeito-contexto.

Do mesmo modo que a indisciplina e a agressividade levam a refletir sobre alternativas para solucionar ou, ao menos, amenizar os problemas, o 'bullying' leva à reflexão a respeito da postura a ser adotada para evitar e contornar o conflito que, em geral, deixam marcas profundas. Complexo de inferioridade, depressão, problemas de relacionamento, queda no desempenho escolar, entre outros aspectos devem ser considerados, seriamente, pelas escolas para o desenvolvimento de projetos de conscientização contra a prática do 'bullying'.

A investigação parece ainda insuficiente para se conhecer, em profundidade, os problemas que cercam os comportamentos de crianças, adolescentes e jovens no meio escolar. Todavia, o estudo pretende ser um alerta para professores e, mesmo, alunos, a respeito dos problemas que envolvem comportamentos indesejados na escola, pois são eles, muitas vezes, extensão dos conflitos familiares e poderão ter continuidade na fase adulta, com condutas pouco recomendáveis e até mesmo ilícitas, no meio social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. F. **Um estudo da relação entre o ambiente cooperativo e o julgamento moral na criança**. 1993. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

AQUINO GROPPA, Julio. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

BAGAT, M. P. Annotazioni e riflessioni sull'autonomia morale. Attualità. **Psicologia**, Roma, v. 1, n. 2, p. 49-56, 1986.

BRANCO, Verônica, **Vida e Cidadania**. Jornal Gazeta do Povo, em 25 de agosto de 2009.

BUEB, B. **Lob der disziplin**: Eine Streitschrift. Berlin: List, 2006.

CARITA, Ana; FERNANDES, Graça. **Indisciplina na sala de aula: como prevenir? Como remediar?** Lisboa: Presena, 1997.161p.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e terra, 2004.

FRIEDMANN, Adriana. **Violência e Cultura da Paz na Educação Infantil**. NEPSID. Disponível: http://www.nepsid.com.br/artigos/violencia_e_cultura_de_paz.htm. Acessado: 27/09/10.

GARCIA, J. **A gestão da indisciplina na escola**. In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/AIPELF. 11, Lisboa. Atas. Lisboa: Estrela e Ferreira. 2001. p. 375-381.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

LA TAILLE, Y. Autonomia e identidade. **Revista Criança do Professor de Educação Infantil**, Brasília, v. 35, p. 16-18, 2001.

LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças; CANDAU, Vera Maria. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro ed. Dp&A, 1999, 104p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Afiliadas 1996.

MINUCHIN, Salvador – Famílias: **Funcionamento & Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 25-69.

MIRANDA, Cássio E. S. **Família, Psicanálise e Sociedade**. Revista Eletrônica. Disponível: [www.unilestemg.br./Familia%20psicanalise%20e%20sociedade%20\(MIRANDA\).pdf](http://www.unilestemg.br./Familia%20psicanalise%20e%20sociedade%20(MIRANDA).pdf). Acesso em: 03/10/2010.

NAKAYAMA, A. M. A. **Disciplina na escola**: o que pensam os pais, professores e alunos de uma escola de 1º Grau. 1996. 239 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade São Paulo, São Paulo, 1999.

NOGUEIRA, Rosana Maria C. P. A. A Prática de Violência entre Pares: O Bullying nas Escolas. **Revista Iberoamericana de Educación**. Disponível em: http://www.novacriminologia.com.br/noticias/banco_de_imagens/rie37a04.pdf. Acesso em: 27/09/2010. às 23:10.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1932-1977.

_____. **O juízo moral da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1932/1994.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol.27, nº 1, p. 87-103, jan/jun. 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina**: limite na medida certa. São Paulo. Gente, 1996, 193p.

TOGNETTA, L. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

VASCONCELOS, M. S. **Indisciplina no contexto escolar**: estudo a partir de representações de professores do ensino fundamental e médio. Apresentação de trabalho. Florianópolis: ANPEP, 2005.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil numa visão construtivista**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

_____. **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. 2003. 427 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ZAGURY, Tânia. In: **NOVA ESCOLA**, A Indisciplina como Aliada n. 149, jan./ fev., São Paulo, 2002, n.149 p. 18. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/indisciplina-como-aliada-431399.shtml>
Acesso em: 21/09/2010.

_____. **Limites sem Traumas**: Construindo Cidadãos. Ed. Record, 2004, p.176

